



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

Advento do desejo do analista

Julieta De Battista

Começarei por algo que me impactou em minha experiência no dispositivo do passe: a emergência de alguns restos sintomáticos que puseram em evidência uma tendência a desconhecê-los. Se a passagem do analisante ao desejo do analista toca o real, o que acontece com isso que tende a ser desconhecido ou negado? Durante o trabalho de análise, se faz frente ao real valendo-se do saber inconsciente até produzir seu furo. O passe recolhe em parte os meandros desse percurso. Mas, na demanda de passe, já não se desconhece que o assunto toca o real, a experiência da análise deixou esse saldo. Contudo, o real em jogo se desconhece novamente no dispositivo do passe.

Parece-me que há então uma primeira decisão que concerne à demanda de passe, a de “fazer frente ao real”, ainda. Fazer frente àquilo que mesmo tendo sido analisado não deixará de insistir. Fazer frente aos restos da análise, aquilo que ficou por fora. Talvez seja parte do risco que se corre ao se aventurar nessa “tentativa de apreensão”¹, que tenta cingir o que foi que decidiu alguém a satisfazer esses casos em *souffrance*, como gosto de chamá-los.

Esse primeiro passo seria uma autorização a historicizar-se. À aposta pela historicização pode responder uma manifestação no real. O trabalho de historicização produz também seu furo. A "historeta"² poderia ser mais atraente para a transmissão: os avatares da fantasia e suas travessias, as voltas da comédia dos sexos marcada pela não

1 Lacan, J. (1973). *Intervention au Congrès de l'IEFP sur l'expérience de la passe*, p. 192 (pdf enviado gentilmente pela autora). Também em: *Pas-tout Lacan*, p. 1555. <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1926-1981-Pas-tout-Lacan.pdf>

2 Lacan, J. (1973). O aturdido. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 482.

relação, a maldição do *troumatisme*. O real ex-siste ao trabalho de historicização que empreende o passante e se manifesta.

Entendo, então, que não basta esse trabalho de historicização nem chegar ao final de análise para lançar alguma luz à brecha abissal que esse abre entre esse final e a passagem de analisante à analista. Será que é preciso apelar então ao luto do final ou à identificação ao sintoma? De minha experiência, poderia extrair que esse luto – luto da palavra que não nos cura do real – não conduziu ao desejo do analista. O desejo do analista não se desprenderia de uma finalização do luto por substituição. Esse luto poderia também se converter em uma porta de vaivém ou sumir na depressão. No meu caso, a identificação ao sintoma, esse saber fazer, também não ajudaria a lançar luz à passagem de analisante à analista.

Daquilo que pude extrair inicialmente de minha experiência no dispositivo, nem a queda do sujeito suposto saber, nem a desmontagem da segurança fantasmática, nem a identificação ao sintoma, nem o luto do final permitem cingir algo dessa “outra razão”. Essa razão que pode levar alguém a se encontrar no desejo do analista. E não a ser analista ou querer sê-lo. Isso não implicaria, contudo, que não tenha sido necessário ter chegado ao final da análise, ter finalizado o luto. Apenas que isso não pareceria ser suficiente. De uma análise poderia resultar um analisado³, e não um analista. Um fim de análise pode produzir inclusive “um funcionário do discurso analítico”.⁴

Em 1973, Lacan aproxima uma condição que tenta captar algo do real em jogo no desejo do analista: ter cingido a causa de seu próprio horror de saber. Um analista feito disso pode alojar um saber outro, um saber não todo: saber ser um dejetivo. Mas isso também não seria suficiente. Lacan acrescenta: “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”.⁵ O final melancólico não faz o analista. Ter circunscrito a causa de seu horror de saber toca um real, mas pode ser que isso não leve ao entusiasmo. É preciso conseguir separar o joio do trigo, e, também, transformar o joio em outra coisa.

Sicut-palea, encontrar um analista feito desse dejetivo. Lacan menciona várias vezes essa expressão de São Tomás para se referir ao analista: “A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles

3 Lacan, J. (1973). O aturdido. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 495.

4 Lacan, J. (1974). Nota àqueles que eram susceptíveis de designar os passadores. Wunsch 11, p. 79. <http://www.champlacanian.net/public/docu/4/wunsch11.pdf>

5 Lacan, J. (1973). Nota italiana. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 313.

(...)”.⁶ Em *Televisão*, Lacan tenta situar o analista em relação ao santo enquanto dejetos de gozo. E esclarece que bancar o dejetos, não fazer caridade, mas “descaridade”, permite ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de seu desejo.⁷ O analista, dejetos do gozo do sentido, causa o desejo de psicanálise.

Quais poderiam ser então as razões da emergência desse entusiasmo a partir da constatação desse outro saber, o saber ser dejetos? Talvez fosse possível atribuí-las à finalização do luto, que traria maior disponibilidade libidinal. Mas, isso bastaria por si só para dar o passo de ocupar o lugar de analista? Que mutação se coloca em jogo ali para transformar o dejetos em causa analítica? Como se acendem esses restos, esses dejetos, esses desperdícios que caem do trabalho do saber? Em 1964, Lacan resgata a fecundidade dos restos no destino humano, à diferença da escória que não é mais do que “o resto extinto”.⁸ O dejetos não é escória. O discurso analítico sabe fazer com os restos.

A experiência do passe foi, para mim, uma oportunidade de voltar a esses restos que, ainda desconhecidos, se fizeram presentes como restos sintomáticos. Uma oportunidade de fazer frente ao horror do ato. No meu caso, o dispositivo do passe permitiu recolher parte desses restos para poder inaugurar outro saber fazer com eles que inclui a Escola. Alguma faísca pode emergir ali, no trabalho com outros. O passe dignifica esses dejetos, acende-os, trabalha com esses restos da análise, os faz ressoar. Descobre que com esses restos pulverulentos talvez se despertem outras sonoridades, polifônicas.

Percebi que a dimensão internacional de nossa Escola pode favorecer essa musicalidade. Percebi, também, que o desejo do analista talvez não seja o resultado de um trabalho. Em minha experiência, não parece ser o resultado da análise, nem de seu final. As palavras “resultado” ou “produto” talvez não sejam convenientes. Lacan fala de um “encontrar-se”⁹ no desejo do analista, “se vê tornar-se uma voz”¹⁰. É uma saída que permite entrar em outra coisa.

Perguntava-me, então, se o termo “advento” poderia convir ao desejo do analista. Lacan o utiliza para fazer referência ao desejo na primeira versão da *Proposição de 67*.

6 Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 259.

7 Lacan, J. (1974). *Televisão*. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 518.

8 Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 129.

9 Lacan, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 270.

10 Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 260.

Se o desejo do analista não é o resultado de um processo, talvez seja uma emergência, um advento, um encontro contingente.

O termo “advento” não é de uso frequente em espanhol, inclusive tem uma sonoridade difícil de pronunciar nessa língua. Porém, em francês, tem outra musicalidade, que o faz ressoar com "*événement*", acontecimento. A raiz etimológica, o saber depositado em *lalíngua*, dá certa precedência ao uso de *avènement*, que reenvia a *advenir*. Encontramos aí diversos matizes que incluem aquilo que chega por acidente, contingentemente, que toca em sorte a alguém, mas também – e somente no caso de *avènement*, não em *événement* – a elevação a uma dignidade.

Em francês, usava-se *avènement* para fazer referência à chegada ao trono, por exemplo. Tem, inclusive, um matiz religioso, de julgamento, na medida em que é utilizado para nomear as duas vindas do Messias. Deixemos de lado a mera elevação, o escabelo, para conservar então a ressonância da elevação a uma dignidade e seu perfume de criação. Fiquei surpresa também ao descobrir que, antigamente, existia um verbo que conjugava aquilo que advém – *advenir* – com o que se toca ou alcança – *atteindre*. No francês antigo, existia o verbo "*aveindre*", que implicava não só aquilo que chega, mas também aquilo que ocorre por acaso no esforço de querer alcançar outras coisas, as quais inclusive se pode fazer cair do lugar em que estavam acomodadas. É um alcançar que não alcança, um alcançar falho. Existia, por exemplo, a expressão "*aveindre ce désir*".¹¹ O desejo do analista poderia advir por contingência, não sem esforço, mas sem uma intencionalidade, por fracasso. Lacan enfatizou bastante que o querer ser um analista nada tem a ver com o desejo do analista.¹² O desejo do analista emerge, acontece, advém sem querer, se encontra.

Algo se transforma nesse advento. Talvez, essa transformação deixe alguma marca no dizer da regra fundamental. Ter tentado cingir a causa do próprio horror de saber poderia se inverter em efeitos de criação e elevar esses restos à dignidade da causa.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

Revisão da Tradução: Sandra Berta

11 (...) et il m'aurait fallu longtemps remonter la route, sur des hauteurs oubliées et perdues, pour retrouver ce désir, pour «aveindre» ce désir! Alain-Fournier, *Correspondance* [Avec J. Rivière], 1906, p. 113. Citado em *Littre*.

12 Lacan, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 276.